

## ***À procura do morgado de Melres: onde está o vínculo?***

### **MANUEL DA CUNHA COUTINHO PORTOCARREIRO**

3º Morgado de Melres (concelho de Gondomar)

#### **BASE DE TRABALHO**

##### **1 – Fonte documental**

- A Casa da Bandeirinha (actual Junta da Freguesia): exploração do edifício e fotos.
- Habilitação do Santo Ofício de Manuel da Cunha Coutinho Portocarreiro (extractos transcritos).

<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2337613>

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, Manuel, mç. 31, doc. 692.

##### **2 – Sugestão de bibliografia**

- OLIVEIRA, Camilo de, *O Concelho de Gondomar. Apontamentos monográficos*, vol. III, Imprensa Moderna, Porto, 1936, pp. 494, 506-507.

[https://www.google.pt/books/edition/O\\_concelho\\_de\\_Gondomar/nXQvAQAA\\_MAAJ?hl=pt-PT&gbpv=1](https://www.google.pt/books/edition/O_concelho_de_Gondomar/nXQvAQAA_MAAJ?hl=pt-PT&gbpv=1)

- SOVERAL, Manuel Abranches de, *Portocarreros do Palácio da Bandeirinha*, Ed. MASmedia, Porto, 1997, pp. 46-59.

##### **3 – Sugestão de recursos digitais**

- Documento do mês do Arquivo Histórico de Gondomar – *Projeto de remodelação da Quinta da Bandeirinha*: <https://arquivohistorico.cm-gondomar.pt/Destaques/Documento-do-Mes/Historico/emodule/505/egallery/48>
- Blogue *Solares e Brasões* (fotos da Casa da Bandeirinha): <https://solaresebrasoes.blogspot.com/search/label/Melres?m=0>
- Apresentação *Os Portocarreiros*: <https://pt.slideshare.net/CELTAVIGO/os-portocarreiros-2> (ver *slide* 47 e seguintes: foto do tecto armoriado da Casa da Bandeirinha).

## CONTEXTO – MORGADIOS

1 – Site do projecto VINCULUM:

- <https://www.vinculum.fcsh.unl.pt/>

2 – *Vínculo do mês*:

- <https://www.vinculum.fcsh.unl.pt/entail-of-the-month/> (todos os vínculos contêm, no final, um *pdf* em versão portuguesa)

3 – Dissertação de mestrado da prof. Maria de Lurdes Rosa:

- ROSA, Maria de Lurdes, *O morgadio em Portugal, sécs. XIV-XV. Modelos e práticas de comportamento linhagístico*, Lisboa, Estampa, 1995.

[https://www.academia.edu/45208271/ROSA Ma de Lurdes O Morgadio em Portugal](https://www.academia.edu/45208271/ROSA_Ma_de_Lurdes_O_Morgadio_em_Portugal)

# À PROCURA DO VÍNCULO DE MELRES

Manuel da Cunha Coutinho Portocarreiro

# Tópicos

- 1 – O que é um vínculo?
- 2 – A nossa fonte documental: o que é uma habilitação do Santo Ofício?
- 3 – O morgadio de Melres: a família Cunha Coutinho Portocarreiro.
- 4 – O morgadio de Melres: casa e quinta da Bandeirinha.
- 5 – Guião para os trabalhos

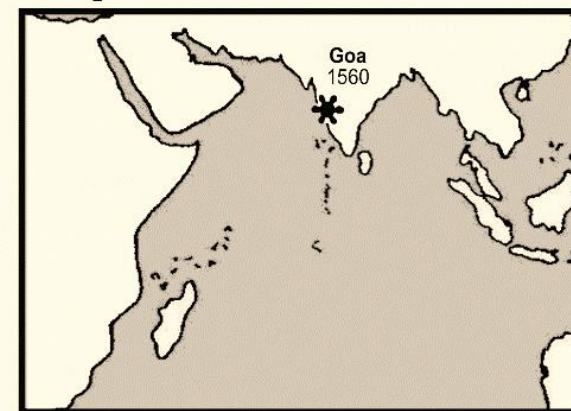
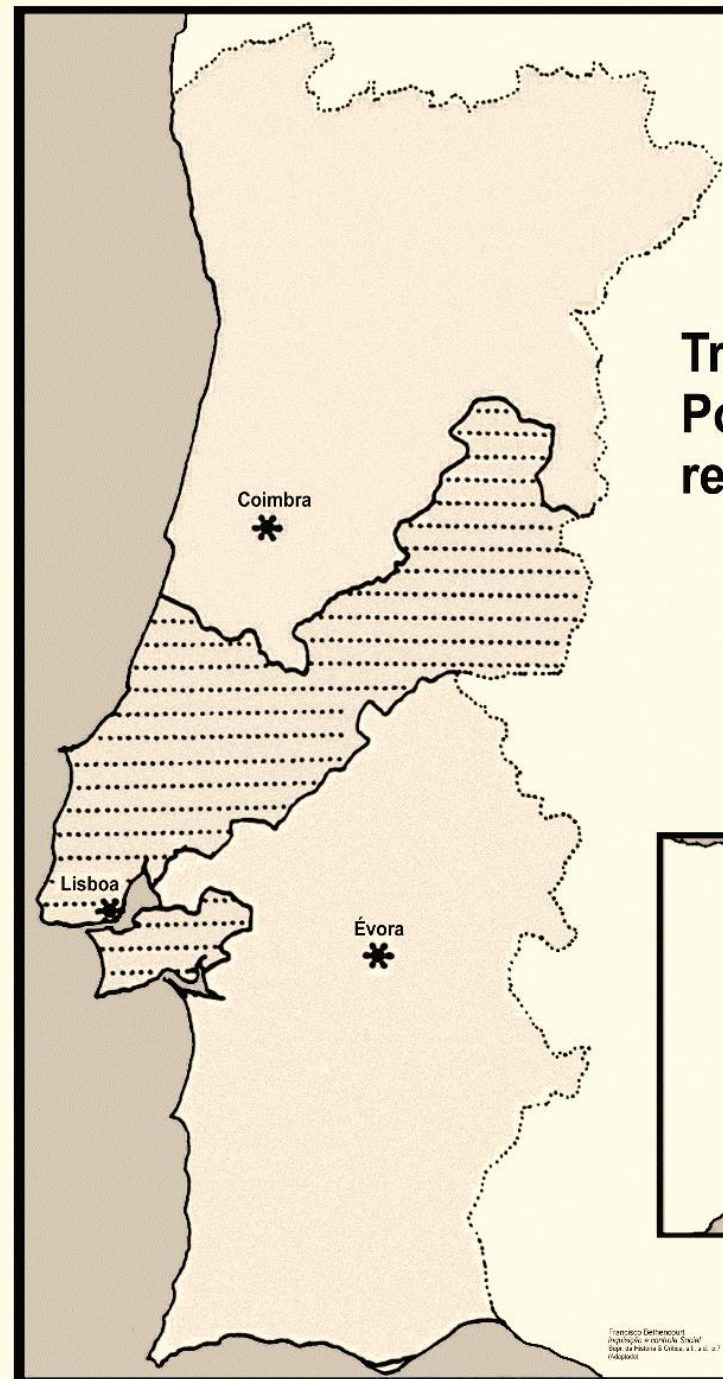
# O que era um vínculo (ou morgadio)?

- Fundação (ex., Gulbenkian).
- Um conjunto de bens e de pessoas com poder económico suficiente, reservado para preservar ao longo dos séculos uma ideia, um património, uma família, uma casa.
- Origem nos bens reservados e preservados para celebração de missas por alma (fins pios) e transmissão inalienável dos bens numa única linhagem, “enquanto o mundo for mundo” = TESTAMENTO.
- Fenómeno do sul da Europa.
- Muito comum em Portugal entre os sécs. XIV-XVIII.
- Abolido séc. XVIII – Marquês de Pombal.
- Abolido definitivamente séc. XIX.
- Identidade própria, modelou sociedade portuguesa durante séculos e gerações.

# O que era uma habilitação para o Santo Ofício?

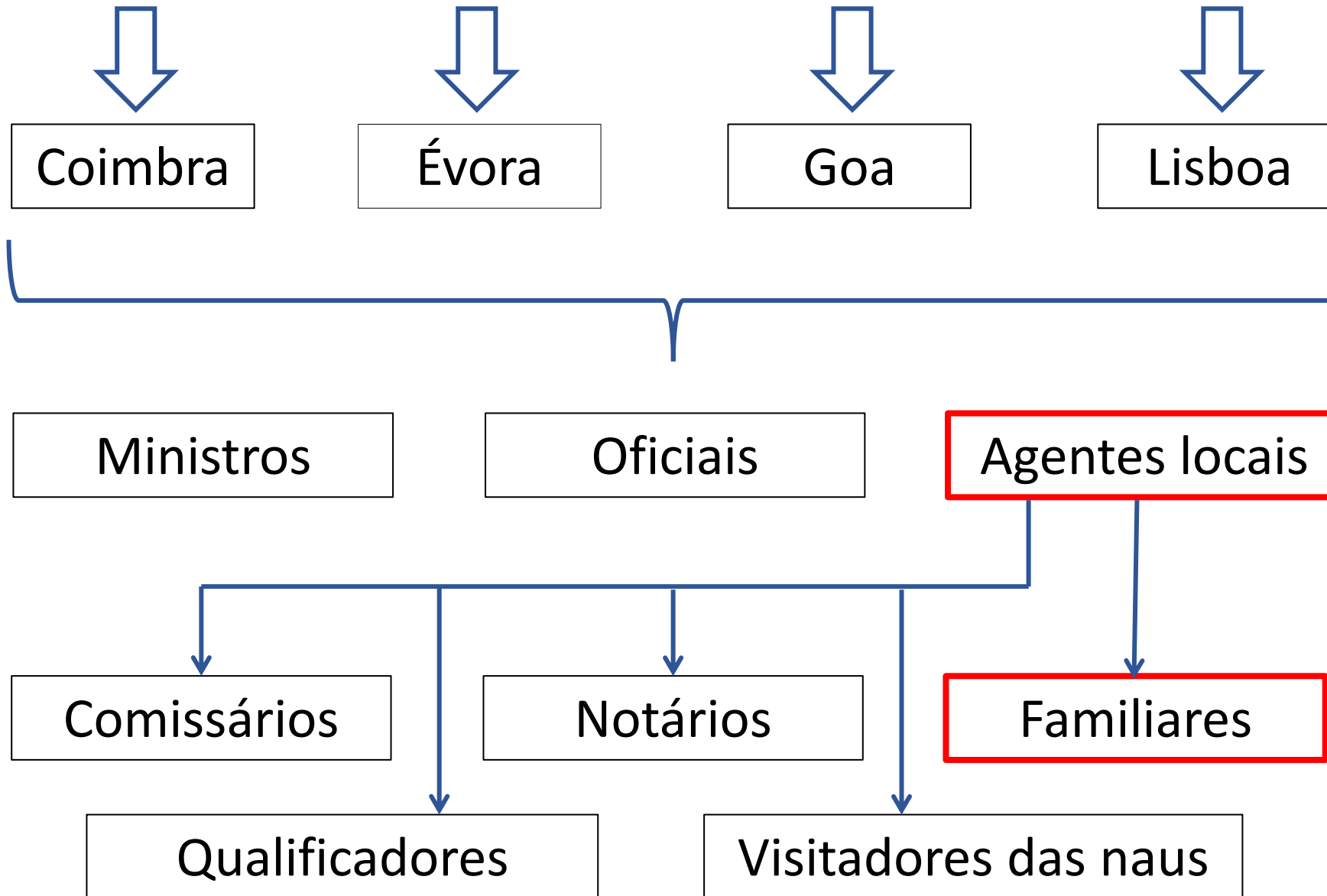
- Processo para ingressar no Tribunal do Santo Ofício (1536-1821).
- Iniciava-se com uma petição do pretendente.
- Era aberto um inquérito de testemunhas para avaliar as capacidades:
  - Limpeza de sangue e geração;
  - Vida e costumes.
- Candidato era avaliado pelo lado paterno e materno.
- Inquisidores avaliavam os inquéritos de testemunhas.
- Relação no final da habilitação:
  - Parecer do relator (inquisidor);
  - Voto dos restantes inquisidores.
- Aprovação ou rejeição.

## Tribunais da Inquisição Portuguesa e respectivos distritos



Fonte: mapa da autoria de Francisco BILOU©.

# Conselho Geral do Santo Ofício (Lisboa)





# REQUISITOS REGIMENTAIS – FAMILIARES DO SANTO OFÍCIO

- Limpeza de sangue
- Necessário ter *fazenda*
- Saber ler e escrever



*Regimento da Inquisição,  
1640*

# O QUE SIGNIFICAVA SER FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO?

```
graph TD; A[ser agente secular da Inquisição] --> B[estatuto social]; A -.-> C[poder económico];
```

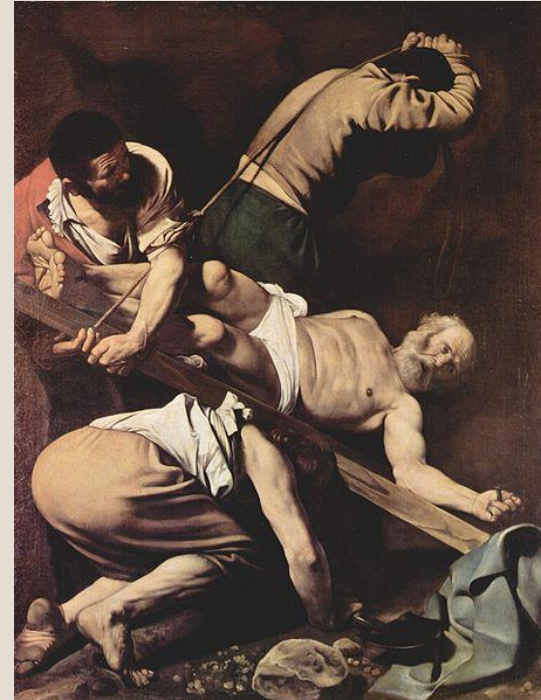
**ser agente secular da Inquisição**

**estatuto social**

**poder económico**

# FUNÇÕES REGIMENTAIS

- Obedecer e comunicar aos inquisidores/comissários tudo o que atentasse contra a fé
- Efectuar as prisões e encaminhar o réu para o tribunal respectivo
- Acompanhar os presos na procissão do auto da fé
- Comparecer na festa de São Pedro Mártir



*Crucificação de São Pedro*

Pintura de Caravaggio.  
Igreja de Santa Maria del  
Popolo, Roma.

# Manuel da Cunha Coutinho Portocarreiro

## 3º morgado de Melres – Casa (e quinta) da Bandeirinha

- Identificado como 3º morgado de Melres, na obra de Abranches Soveral (SOVERAL, Manuel Abranches de, *Portocarreros do Palácio da Bandeirinha*, Ed. MASmedia, Porto, 1997, pp. 46-59).
- A mesma obra refere a instituição do morgadio, a casa e quinta da Bandeirinha e identifica o 1º morgado.
- 3º morgado foi habilitado para familiar do Santo Ofício em 28-07-1684 (data da carta de familiar).
- Na inquirição de testemunhas ficou demonstrado que:
  - A família era reconhecida
  - A família era abastada
  - O morgado era rico
  - O morgado tinha fazenda

## A casa e quinta da Bandeirinha *Actual Junta de Freguesia de Melres*

- Abranches Soveral:
  - Refere como a propriedade entrou na família Portocarreiro.
  - Identifica o instituidor (1º morgado) e a descendência.
- Recursos *online* enviados:
  - História da casa.
  - Caracterizam os brasões existentes na casa.
  - Tecto armoriado da casa.



F: ADP – Arquivo Distrital do Porto

GAYO José Manuel Felgueiras – Nobiliário das Famílias Portuguesas. Braga: Edição de A A Meirelles e D A Affonso, 1940

SILVA Manuel de Sousa da – Traslado do Título de Portocarreiros. Leiria: ADL, Ms

<http://melrees.fortunecity.ws/historia.htm>

# Guião para os trabalhos

- Conhecer a tarefa:
  - Ler alguns *Vínculos do Mês* (<https://www.vinculum.fcsh.unl.pt/>).
- Conhecer a Casa da Bandeirinha:
  - Ler os recursos digitais enviados no Roteiro.
- Conhecer os morgados (do 1º ao 3º):
  - Ler Abranches Soveral;
  - Ler os extractos da *Habilitação para o Santo Ofício* do 3º morgado.
- Recolher fotos da casa (*online* ou no local).

*Elaborar um texto com 900-1000 palavras com a história do vínculo de Melres.*

# Algumas perguntas

- Instituição do morgadio de Melres: quando? Quem? Onde? Como?
- Como entra a propriedade na família?
- Por quem é transmitido?
- Quem era o 3º morgado?
- Que informações nos dá a habilitação do Santo Ofício sobre o 3º morgado e os seus ascendentes?
- Que informações nos dá sobre o poder económico da família?





**1**  
 Em 1445, o povo do concelho de Real (Castelo de Paiva) cedeu a Aires Pinto, por contrato, o Padroado da respectiva Igreja, a qual se manteve muitos séculos na sua descendência.  
 Era irmão mais novo de Pedro Vaz Pinto (pai de Gonçalo Vaz Pinto, 1º Sr. de juro e herdade de Ferreiros e Tendais, em Riba de Bestança) e de D. Leonor Pinto (1ª mulher do 4º Morgado de Balcoemão e Capitão-Mór de Aregos Gonçalo Martins Cochofel, c. g. nos Morgados de Balcoemão), todos filhos de Gonçalo Vaz Pinto, Sr. de Riba de Bestança e aí Sr. da Torre da Chã, em Ferreiros de Tendais, hoje Sinfães, onde era Padroeiro do Convento de Tarouquela. Sr. de Mesão Frio, da Honra de Loivos (Baixo), das Torres de Angra e da Lagariça, em Aregos, etc., e de sua mulher e prima D. Escholana Pinto, Srª da Torre de Teruqueira, em S. Cipriano (Aregos) e da Casa de Vila Marim (Mesão Frio): netos paternos de outro Gonçalo Vaz Pinto, o Solarado, Sr. de Riba de Bestança e Torre da Chã, Padroeiro do Convento de Tarouquela. Sr. de Mesão Frio (lug. de D. Afonso IV) e da Honra de Loivos, Alcaide-Mór de Lamego, em sucessão de seu sogro, etc., e de sua mulher D. Leonor Afonso da Fonseca, Srª das Torres de Angra e Lagariça, ambas em Aregos; e netos maternos de Aires Pinto, Sr. de Tabuado e da Torre de Teruqueira e de sua mulher D. Constança Roiz Pereira, Srª da Casa de Vila Marim e Padroeira do Mosteiro de S. Nicolau de Mesão Frio.

**2**

Esta Quintã da Torre da Lagariça, justamente considerada o solar dos Pintos de Riba de Bestança, já existia no século XVIII. A respectiva Torre é, aliás, inequivocamente do séc. XVIII.

Aquele Pedro Aires Pinto, por sua vez, era filho de Aires Pinto **1**, Sr. da Quintã da Torre da Lagariça **2** e da Quinta e Morgadio do Crasto, em Real (Castelo de Paiva), onde também viveu, Alcaide-Mór de Arraiolos e Évora, Escudeiro e Cavaleiro Fidalgo do Infante D. Afonso, Conde de Barcelos e depois 1º Duque de Bragança (1442), e Vedor de seu filho o 2º Duque de Bragança D. Fernando e seu testamenteiro (17.8.1471), etc., e de sua 1ª mulher D. Cecília de Faria (filha de Sebastião de Faria, Cavaleiro da Ordem de Malta).

Filhos:

**1(VI) Manuel da Cunha Coutinho de Portocarrero**, que segue

**2(VI) Padre Dr. João de Ozorio Sanhudo**, que faleceu a 21.7.1617 em Ponte de Lima e foi Arcediaco de Pedorido e de Labruge. Instituiu o Morgadio de Labruge, em que nomeou 1º Administrador seu filho Manuel. Teve três filhos de sua prima **D. Catarina de Ozorio**, referida no nº 2.7(V), filha natural do Abade de Lagares Jerônimo de Ozorio.

Filhos:

**1.2(VII) (N) Manuel da Cunha Ozorio**, o Burriqueiro, que viveu no Campo de S. Tiago, em Braga, onde foi o 1º Administrador Morgadio de Labruge instituído por seu pai. N. a 20.4.1592 em Lagares e em 1642 vivia em Pedorido, onde era muito herdado. A 20.8.1670 veio falecer a Melres, provavelmente em casa de seu primo. Não se sabe com quem casou, ou mesmo se casou, mas teve um filho que lhe sucedeu.

Filha:

**1.1.2(VIII) D. Antónia da Cunha Ozorio**, que sucedeu no Morgadio de Labruge e c.c. seu primo **Timóteo da Cunha Ozorio**, da Governança da cidade de Braga, onde nomeadamente foi Vereador do Senado (1665), referido no nº 1.2.10(VII). C.g. nos Cunha Ozorio, de Braga.

2.2(VII) (N)

3.2(VII) (N)  
 em  
 fal.  
 Ma  
 mu

## VI

### Manuel da Cunha de Portocarrero



do Paço de Valpedre Souza), 3º filho, Sr. de outras praias. Foi de Melres de Gondomar, casou com D. Antónia de Melres, faleceu em 1642, deixando um filho. Foi tataravô de Paiva.

seu tataravô também

2.2(VII) (N) Padre D. João de Ozorio, Cônego de Stº Agostinho, n. a 9.7.1602, ib

3.2(VII) (N) Jorge de Ozorio da Cunha, n. em Lagares a 11.10.1605, viveu em Melres, onde fal. a 14.8.1679 e c. a 16.5.1633 c. D. Luiza de Macedo, filha de António de Macedo e de sua mulher D. Ana de Mello, ref. em nota ao nº X. S.g.

e ainda hoje existe em bom estado, alencorado sobre o Rio Douro, integrando o conjunto habitacional da Casa da Torre da Lagarica, que se mantém na família. A Casa ostenta uma pedra de armas do séc. XVI (possivelmente colocada por João Pinto, Sr. da casa, que teve carta de armas de 1538) de Pintos em pleno. Os respectivos crescentes estão, contudo, rodeados das estrelas dos Fousecas Coutinhos, numa fantasia heráldica que de certo procura sublinhar as múltiplas alianças matrimoniais destes Pintos com os poderosos Srs. de Leomil e S. Martinho de Mouras.

### VI Manuel da Cunha Coutinho de Portocarreiro



Fidalgo de Solar <sup>3</sup>, sucedeu como 14º Sr. da Torre de Portocarreiro, com todos os seus morgadios, quintas, casais e prazos, incluindo o Padroado da Igreja de Vila Boa de Quires, 5º Sr. do Paço de Stª Ovaia (Pedrido), 4ª Srª do Paço de Valpêdre (Penafiel) e da Quinta do Vau (Paço de Souza), 3ª Srª da Casa do Padrão de Belmonte (Porto), Sr. da Quinta do Barral (Aregos) e em muitas outras propriedades de raiz e prazos.

Foi o primeiro desta família que viveu na vila de Melres (concelho extinto em 1834 e integrado no de Gondomar), onde instituiu Morgadio sob a invocação de S. Tiago, foi Capitão da Ordenança, Juiz ordinário e Vereador do Senado da Câmara, e onde faleceu a 10.11.1625, teria já 75 anos de idade, deixando testamenteira sua mulher, dali natural. Foi também Juiz ordinário do concelho de Castelo de Paiva (9.8.1599), onde nasceu cerca de 1550.

Além de recuperar o nome Portocarreiro de seu trisavô, a família passou, a partir dele, a usar também o nome Coutinho, que lhe vinha de seu avô

**3**  
Os Fidalgos de Solar eram um grau de Nobreza principal, como tal reconhecido oficial e socialmente, muito embora fossem difusas as regras desse reconhecimento. Há quem defenda que deviam estar inscritos como tal nos respectivos livros do Rei, pelo que também eram ditos Fidalgos da Casa d'el Rei ou de Sua Magestade. A verdade é que não encontrei nenhum destes nas Chancelarias, onde o 1º desta família que aí aparece com foro é já de 1790 e é filho 2º. De resto, muitos são os casos anteriores ao séc. XIX de pessoas que aparecem com o título de Fidalgo e não se encontra o respectivo registo na Chancelaria. Há, é claro, a possibilidade de se terem perdido os livros. Penso, contudo, que é possível distinguir entre Fidalgos de Solar e Fidalgos da Casa Real. Neste 2º caso, existia um foro, pagando o Rei ao fidalgo uma *moradia* e obrigando-se este a um serviço. Aqui existia sempre, por razões óbvias, o respectivo registo na Chancelaria. Já o Fidalgo de Solar não recebia *moradia* nem prestava serviço, pelo que a sua inscrição na Chancelaria era dispensável. De resto, nada impedia que um Fidalgo de Solar o fosse também da Casa Real.

O Morgadio da Melres ostenta duas pedras de armas. Uma (foto abaixo) está na lateral da casa, mais antiga, esquartelada de Cunha, Ferraz, Vieira e Ozorio. Outra encima o portão principal (foto adiante) esquartelada de Portocarrero, Ozorio, Cunha e Coutinho.



**1**  
Jaz na Igreja de Melres, na sepultura do Abade Clemente de Azeredo, certamente seu filho ou cunhado, e deixou testamenteiro Alvaro de Valadares, morador no Porto. Sua mulher, D. Justa Vieira, jaz na mesma Igreja, em túmulo debaixo da Mesa do Santíssimo.

**2**  
Outros fazem Jorge Vieira filho de Pedro Aires de Lordelo, Sr. da Quinta do Olival, e de sua mulher D. Isabel Pires Vieira; neto paterno de João Vaz de Lordelo e de sua mulher D. Maria Martins de Souza; e neto materno dos referidos Pedro Gonçalves Cabral e sua mulher D. Brites Afonso Vieira, Sr. da Quinta do Ribeiro

Portocarreros da Bandeirinha

paterno, através do qual, além de descendente dos Ozorios de Figueiró da Granja, era 7º neto do 1º Sr. de Marialva Vasco Fernandes Coutinho.

Manuel da Cunha Coutinho de Portocarreiro foi viver para Melres em 1601, teria já 50 anos de idade, data em que casou, com escritura nupcial lavrada nesta vila, com **D. Antónia Ferraz Vieira**, daí natural e aí falecida a 6.1.1654, sem testamento, que jaz enterrada na Igreja Matriz «em túmulo acima das grades da pia de baptismo».

Esta D. Antónia Ferraz era irmã do Capitão-Mór de Melres João de Azeredo e Araújo e levou por dote várias propriedades na freguesia, designadamente a Quinta de Marrocos, que se estendia «sobre o rio em ambas as margens do Douro», tendo ficado tudo vinculado no Morgadio de Melres, então instituído pelo casal com capela na Igreja matriz sob a invocação de S. Tiago.

Era filha de Alvaro de Araújo Ferraz e Azeredo, falecido **1** a 18.8.1591, ib, Fidalgo-Cavaleiro da Casa d'el Rei, Cidadão do Porto, Sr. da Casa de Pensos, em Stª Mª do Torrão, etc., e de sua mulher D. Justa Vieira Cabral, Srª da dita Quinta de Marrocos, onde faleceu a 8.5.1618, sendo sepultada em seu túmulo «debaixo da mesa do Santíssimo»; neta paterna de Manuel de Araújo Ferraz, Infância do Porto, e de sua mulher D. Maria de Azeredo; e neta materna de Jorge Vieira Cabral, Sr. da Quinta de Marrocos, que foi Recebedor das Cizas de Melres e faleceu antes de 1565. As generalidade das genealogias **2** fazem este Jorge Vieira filho de João Pires Vieira Cabral, Sr. da Quinta do Ribeiro, em S. Lourenço do Douro, e de sua mulher D. Maria da Silva. Este João Pires Vieira era filho de Pedro Gonçalves Cabral, Sr. da dita Quinta do Ribeiro, e de sua mulher D. Brites Afonso Vieira; neto paterno de D. Nicolau Martins

D. Antónia Ferraz Vieira  
Srª da Quinta de Melres, onde foi. a 6.1.1654

Alvaro de Araújo Ferraz de Azeredo  
FCR, Cid. do Porto, Sr. da Casa de Pensos (S.M. do Torrão)

D. Justa Vieira Cabral  
Srª da Quinta de Melres

Giraldes, Administrador do Bispado, onde faleceu, lavrado com Armador Afonso Vieira **3**, I da cidade, Sr. do Quintã da Torre solar desta família Alvares da Maya.

Filhos:

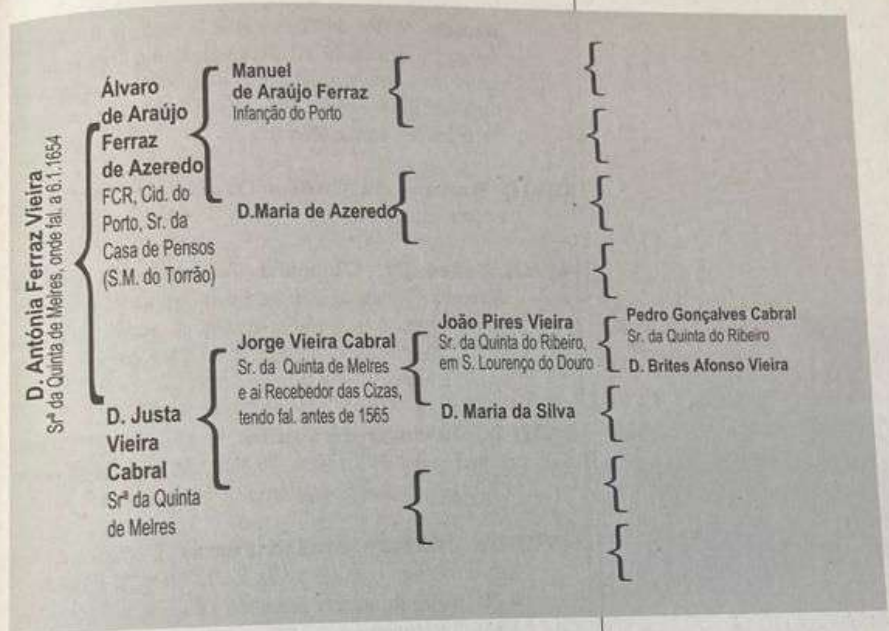
**1(VII) António** rei, n. a sendo padri diaco de Pedro Brandão e (na Índia?) deiro foi ser

**2(VII) Padre**

23-10-26  
 lb/101232  
 \*\*\*\*\*  
 Portugal \*\*  
 \*\*\*\*\*

e descendente dos  
 a 7º neto do 1º Sr.  
 tinho.  
 o de Portocarreiro  
 ria já 50 anos de  
 escritura nupcial  
**ia Ferraz Vieira,**  
 54, sem testamen-  
 Matriz «em túmulo  
 mo».  
 irmã do Capitão-  
 Araújo e levou por  
 uesia, designada-  
 se estendia «sobre  
 uro», tendo ficado  
 elres, então insti-  
 reja matriz sob a

Ferraz e Azeredo,  
 Cavaleiro da Casa  
 Casa de Pensos,  
 mulher D. Justa  
 e Marrocos, onde  
 em seu túmulo  
 neta paterna de  
 do Porto, e de  
 neta materna de  
 e Marrocos, que  
 e faleceu antes  
 alogias <sup>2</sup> fazem  
 s Vieira Cabral,  
 enço do Douro,  
 Este João Pires  
 Cabral, Sr. da  
 mulher D. Brites  
 nicolau Martins



Giraldes, Administrador perpétuo de Vila Boa do Bispo, onde faleceu a 13.11.1345 e jaz em túmulo lavrado com Armas e inscrição; e neto materno de Afonso Vieira <sup>3</sup>, Infância do Porto e da Governança da cidade, Sr. dos casais de Oliveira do Douro e da Quintã da Torre de Vila Seca, em Vieira do Minho, solar desta família, etc., e de sua mulher D. Brites Alvares da Maya.

Filhos:

**1(VII) António da Cunha Coutinho de Portocarreiro**, n. a 20.2.1603, em Melres, e bat. a 25 seguinte, sendo padrinhos seu tio o Rev. João de Ozorio, Arcebispo de Pedrido, e D. Catarina Brandão, filha de João Brandão e de sua mulher D. Maria de Freitas. Faleceu (na Índia?) sem geração, e antes de seu pai, pois o herdeiro foi seu irmão Manuel.

**2(VII) Padre Dr. Álvaro de Araújo Ferraz Sa-**

**3**  
 Filho de Gonzalo Vaz Vieira.  
 Sr. da Quintã da Torre  
 de Vila Seca de Vieira,  
 que foi Corregedor de Entre-Douro-e-  
 Minho e Trás-os-Montes (1411),  
 Infância e Cavaleiro de D. João I,  
 e que se estabeleceu no Porto,  
 onde comprou várias terras,  
 nomeadamente os casais  
 de Oliveira do Douro, e foi da  
 Governança da cidade,  
 onde c. c. D. Joana de Castro,  
 daí natural.

**nhudo**, Reitor de Melres (1654), onde n. a 3.2.1605, sendo padrinhos de bat. Jorge de Araújo Ferraz, provavelmente seu tio materno, e D. Jerónima, filha de António de Macedo. Fal. a 7.7.1660, ib, deixando herdeiro seu irmão Manuel

**3(VII) Manuel da Cunha Ozorio de Portocarreiro**, que segue

**4(VII) Padre Dr. Gonçalo Sanhudo da Cunha Ozorio**, Cônego da Sé de Évora (1652) <sup>1</sup>, onde faleceu. Nasceu a 19.7.1609, em Melres, sendo padrinhos de bat. Belchior Pinto Ribeiro, de Canavezes, e sua filha D. Maria.

**5(VII) D. Guiomar da Cunha**, n. a 26.12.1611, ib, sendo padrinhos de bat. sua avó. Fal. com 15 anos de idade, a 9.7.1627, estando sepultada no túmulo de seu pai.

**6(VII) Dr. João de Araújo Ferraz**, Cavaleiro da Ordem de Cristo com tença de 12.000 réis (15.5.1689), n. a 30.1.1614, ib, sendo padrinhos de bat. o Padre Cristóvão de Macedo e D. Maria Brandão, mulher do já referido e Belchior Pinto Ribeiro. C. no Porto c. **D. Ana Maria de Azevedo Pinto**, neta de Gaspar de Azevedo Pinto (filho de João Pinto), morador no Porto, que a 30.4.1689 transfere para esta sua neta e marido uma tença de 18.000 réis. Como não aparece o respectivo processo da Ordem de Cristo, a identificação deste do João nascido em Melres com o Dr. João de Araújo Ferraz não é ainda documental e baseia-se sobretudo na circunstância de um Dr. João de Araújo Ferraz e sua mulher D. Ana Maria terem sido padrinhos, em 1688, de um filho (*Manuel*, no n.º 3(LX)) de Manuel da Cunha Coutinho de Portocarreiro.

**7(VII) D. Maria da Cunha Ozorio**, Freira no Convento de S. Bento de Avé Maria, na cidade do Porto, onde faleceu. Nasceu a 10.1.1616, em Melres, sendo padrinhos de bat. seu tio João de Azeredo, Capitão-Mór de Melres, e D. Joana de Aragão.

**Morgadio da Melres**  
Pormenor do portão principal,  
armoriado com um escudo  
esquartelado de Portocarrero,  
Ozorio, Cunha e Coutinho.



*Portocarreros da Bandeirinha*

## VII

### Manuel da Cunha Ozorio de Portocarreiro



Fidalgo de Morgadio de Portocarreiro, com quintas, com Padroado Quires, 6.º Sr. do Paço Sr. do Paço de Valpêdre (Paço de Souza), 4.º Sr. monte (Porto), Sr. da C muitas outras propriedades na vila de Melres, onde a 27.2.1691, com 84 an menteira sua mulher.

Foi também Cap em sucessão a seu tio, Senado da Câmara e *galeões que se fazem n do Porto*. Foi ainda vário dinário de Castelo da *menos concluiu obras* actual Casa de Melres, o seu Brasão de Armas locada na parede lateral cima o portão principal quartelada de Portocarreiro.

Casou em Dezembro em Castelhães de idade, com sua p **Souza**, aí nascida cerca a 31.5.1700 na C

## VII

Manuel da Cunha Ozorio  
de Portocarreiro

Fidalgo de Solar, sucedeu como 2º Morgado de Melres, 15º Sr. da Torre de Portocarreiro, com seus morgadios, quintas, casais e prazos, incluindo o Padroado da Igreja de Vila Boa de Quires, 6º Sr. do Paço de Stª Ovaia (Pedorido), 5º Sr. do Paço de Valpêdre (Penafiel) e da Qtª do Vau (Paço de Souza), 4º Sr. da Casa do Padrão de Belmonte (Porto), Sr. da Qtª do Barral (Aregos) e de muitas outras propriedades de raiz e prazos. Viveu na vila de Melres, onde nasceu a 17.1.1607 e faleceu a 27.2.1691, com 84 anos de idade, deixando testamenteira sua mulher.

Foi também Capitão-Mór de Melres (1645), em sucessão a seu tio, Juiz ordinário, Vereador do Senado da Câmara e Comissário do Rei *para os galeões que se fazem na Ribeira do Ouro* da cidade do Porto. Foi ainda várias vezes, até 1641, Juiz ordinário de Castelo da Paiva. Construiu (ou pelo menos concluiu obras já iniciadas por seu pai) a actual Casa de Melres, onde colocou uma pedra com o seu Brasão de Armas **2**. Esta pedra de Armas, colocada na parede lateral da casa, difere da que encima o portão principal, que parece posterior e é esgartelada de Portocarrero, Cunha, Coutinho e Ozorio.

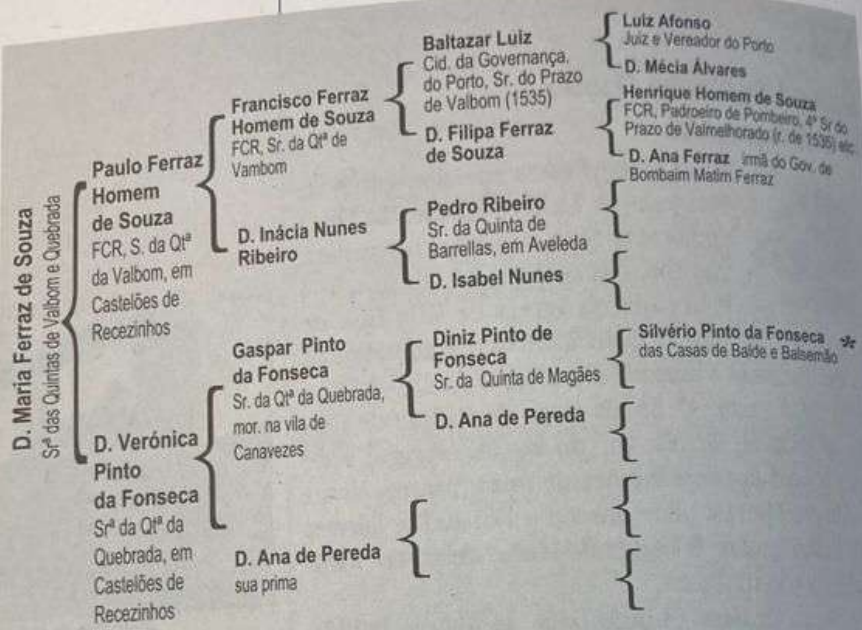
Casou em Dezembro de 1640, presumivelmente em Castelões de Recezinhos, tinha 33 anos de idade, com sua parente **D. Maria Ferraz de Souza**, aí nascida cerca de 1610, vindo a falecer viúva a 31.5.1700 na Casa de Melres. Herdeira das



Morgadio de Melres  
Pormenor da fachada

## 2

*Esgartelada de Cunha e Ozorio, pelo pai, e Ferraz e Vieira, pela mãe. Ver fotografia na página anterior. A distribuição dos quartéis não está heraldicamente correcta, pois tem Cunha no 1º, Ferraz no 2º, Vieira no 3º e Ozorio no 4º*



\* Silvério Pinto da Fonseca era filho de Diogo Dias da Fonseca Coutinho, FCR, Sr. da Casa de Balde, em S. Leocádia de Baião, e de sua mulher D. Isabel Pinto Cochofel, filha do 4<sup>o</sup> Morgado de Balsemão Gonçalo Martins Cochofel e de sua 2<sup>a</sup> mulher D. Briolanja Pinto, já referidos em nota ao nº V

**1**  
Vide ADB -  
Registo Geral. Liv. 17

**2**  
Irmão mais velho de  
Francisco Ferraz de Souza  
e c. D. Leonor Ribeiro Pessanha,  
que foram pais de Francisco Ferraz  
de Souza. Alcaide-Mór de Redondo  
e J. C. A. (24.10.1667) para Souza,  
Ferraz, Homem e Ribeiro.

**3**  
Irmão mais velho de  
Jerónimo Ferraz de Souza. FCR.  
Sargento-Mór de St. Cruz de  
Ribatãmega. Escrivão e Tabelião de

Quintas de Valbom e da Quebrada, ambas em Castelões de Recezinhos, era irmã do Abade de S. Martinho de Recezinhos Jerónimo Ferraz Homem, que a 16.3.1673 instituiu **1** a Capela de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição na Casa da Torre da Faya.

D. Maria Ferraz de Souza e este seu irmão eram filhos de Paulo Ferraz Homem de Souza **2**, Fidalgo Cavaleiro da Casa d'El Rei, Sr. da dita Quinta de Valbom, etc., e de sua mulher (casados a 3.2.1594, em Canavezes) D. Verónica Pinto da Fonseca, Sr<sup>a</sup> da dita Quinta da Quebrada; netos paternos de Francisco Ferraz de Souza Homem **3**, Fidalgo Cavaleiro da Casa d'El Rei, Sr. da Quinta de Valbom, etc., e

de sua 1<sup>a</sup> mulher (ca...  
D. Maria Nunes Ribe...  
Pinto da Fonseca, S...  
morador na vila d...  
10.6.1592, e de sua...  
reda. Esta D. Ana de...  
ib, foi casada pela...  
Souza Homem, acin...  
lha casou com o filh...

Filhos:  
**1(VIII) Manuel da**  
carreiro, que...  
**2(VIII) Padre Dr.**  
da Sé de Évora...  
24.11.1642, em...  
mo Manuel d...  
Este Paulo de...  
seu pagem M...  
irmão Manue...

**3(VIII) D. Maria**  
Convento de...  
17.4.1644, e...  
Capitão-Mór...

**4(VIII) D. Antó**  
padrinhos...  
Pinto.

**5(VIII) D. Isal**  
bat. Paulo...  
chior Pinto

**6(VIII) D. Gu**  
de bat. o...  
tório de...  
vila.

**7(VIII) D. In**  
bat. Jo...  
com 18

de sua 1ª mulher (casados a 21.2.1556 na Aveleda) D. Maria Nunes Ribeiro; netos maternos de Gaspar Pinto da Fonseca, Sr. da dita Qtª da Quebrada e morador na vila de Canavezes, onde faleceu a 10.6.1592, e de sua mulher e prima D. Ana de Pereda. Esta D. Ana de Pereda, que faleceu a 24.7.1617, ib, foi casada pela 2ª vez com Francisco Ferraz de Souza Homem, acima, no mesmo dia em que sua filha casou com o filho dele.

Filhos:

1(VIII) **Manuel da Cunha Coutinho de Portocarreiro**, que segue

2(VIII) **Padre Dr. Paulo de Araújo Ferraz**, Cônego da Sé de Évora (em sucessão de seu tio), onde fal. N. a 24.11.1642, em Melres, sendo padrinho de bat. seu primo Manuel da Cunha Ozorio, morador em Pedrido. Este Paulo de Araújo, já cônego, foi testemunha, com seu pagem Manuel Carneiro, do casamento de seu irmão Manuel (1683).

3(VIII) **D. Maria Ana da Cunha Ozorio**, Freira no Convento de S. Bento de Avé Maria, no Porto. N. a 17.4.1644, em Melres, sendo padrinhos seu tio-avô o Capitão-Mór João de Azeredo e D. Luiza de Macedo.

4(VIII) **D. Antónia da Cunha**, n. a 10.7.1646, ib, sendo padrinhos Pedro Pinto Brandão e sua irmã D. Maria Pinto.

5(VIII) **D. Isabel**, n. a 21.7.1647, ib, sendo padrinhos de bat. Paulo Pinto Ribeiro, de Canavezes, filho de Belchior Pinto Ribeiro.

6(VIII) **D. Guiomar**, n. 9 16.9.1649, ib, sendo padrinhos de bat. o Rev. Luiz de Mello, Reitor de Melres, e Cristóvão de Macedo, filho Domingos de Carvalho, desta vila.

7(VIII) **D. Inácia**, n. a 4.2.1652, ib, sendo padrinhos de bat. Jorge de Ozorio da Cunha e Álvaro Brandão. Fal. com 18 anos de idade, a 6.5.1670, ib.

*Portocarreiro. Sr. da Casa do Marmozal (Vila Mela), das Quintas do Gato (Castelões) e Linhares, etc., ambos filhos de Baltazar Luiz.*

*Sr. da Quinta de Valbom (Prazo renovado a 2.9.1535, em sucessão de seus irmãos D. Maria Luiz e o Dr. Belchior Luiz, Tabelião de Ribatãmega), e de sua mulher D. Filipa Ferraz de Souza, irmã de Belchior de Souza Homem, JCR, 5º Sr. do Prazo de Valmelhorado, em Pombal (Felgueiras), etc.; netos paternos de Luiz Afonso, Cidadão do Porto e da sua Governança, nomeadamente como Juiz e Vereador, e de sua mulher D. Mécia Álvares; e netos maternos de Henrique Homem de Souza, JCR, Padroeiro do Mosteiro de Pombal, 4º Sr. do Prazo de Valmelhorado (renovado a 30.4.1535 por D. António de Melo, Dom Abade Comendatário do dito Mosteiro de Pombal), etc., e de sua mulher D. Ana Ferraz, irmã de Martin Ferraz, JCR, Governador de Bombaim, etc., ambos filhos de Gonçalo Gomes Ferraz, Cavaleiro, Escrivão da Câmara do Porto (1424), etc., e de sua mulher D. Catarina Anes Barreto; netos paternos de Pedro Ferraz, da Casa destes na Rua das Flores, no Porto, onde foi da Governança (irmão de Afonso Ferraz, Chantre da Sé do Porto); netos maternos de Felício Barreto (filho de André Gil Barreto, Vedor e Monteiro-Mór do Infante D. Pedro, com quem morreu em Alfarrobeira) e de sua mulher D. Margarida Rangel, Aquela Henrique Homem de Souza, por sua vez, era filho herdeiro de Manuel de Souza Homem, JCR, Padroeiro do Mosteiro de Pombal e 3º Sr. do Prazo de Valmelhorado e descendente dos Souzas Srs. de Pombal, e de sua mulher D. Catarina de Faria, filha de Francisco de Novas de Araújo, Fidalgo morador em Guimarães, e de sua mulher D. Brites de Faria, 3ª neta do célebre D. Álvaro Vaz de Almada, 1º Conde de Abrancos, e 5ª neta por varonia do não menos célebre Alcaide-Mór de Faria Nuno Gonçalves de Faria.*



### VIII

#### Manuel da Cunha Coutinho de Portocarreiro <sup>1</sup>



Fidalgo de Solar, sucedeu como 16º Sr. da Torre de Portocarreiro, com seus morgadios, quintas, casais e prazos, incluindo o Padroado da Igreja de Vila Boa de Quires, 3º Morgado de Melres, 7º Sr. do Paço de Stª Ovaia (Pedorido), 6ª Srª do Paço de Valpêdre (Penafiel) e da Qtº do Vau (Paço de Souza), 5ª Srª da Casa do Padrão de Belmonte (Porto), Sr. das Qtªs do Barral (S. Cipriano de Aregos), de Valbom e da Quebrada (Castelões de Recezinhos) e em muitas outras propriedades de raiz e prazos.

Felgueiras Gaio diz dele que «era Sr. de grossos bens patrimoniais» e de muito dinheiro, «que dizem andaria por 80 mil cruzados». Nasceu a 26.10.1641 na Casa de Valbom e veio a falecer a 28.10.1719 na Casa de Melres (ou Quinta de Marrocos), sendo sepultado na Igreja Matriz «em uma sua sepultura». No óbito regista-se ainda que «tinha testamento e deixa cem missas ao Apóstolo S. Bartolomeu na sua Capela de S. Tiago».

Fez Justificação de Nobreza, lavrada no Tabelião da vila de Melres a 13.5.1715, e parece ter sido ele a iniciar a construção do Palácio da Bandeirinha, na cidade do Porto <sup>2</sup>.

Aparece com chefe da família dos Portocarreiros e senhor do seu solar da Torre na coeva «Coreografia Portuguesa» (1706), do Padre Dr. António Carvalho da Costa, onde se pode ler, a propósito do Couto de Vila Boa de Quires <sup>3</sup>: «Aqui está a Torre, & Solar dos fidalgos do apelido de Porto-

**1**  
*Muito embora apareça em inúmeras referências como Manuel da Cunha Ozorio de Portocarreiro ou apenas como Manuel da Cunha Ozorio e até só Manuel da Cunha, o próprio assina em 1701 um paróquia de 1701 como Manuel da Cunha Coutinho de Portocarreiro, portanto com o nome igual ao do seu avô paterno. Também aparece com este nome no processo da Ordem de Cristo de seu neto Manuel, onde se diz que era pessoa nobre e fidalga, principal da vila de Melres, onde assistia com carroagens, literas, escudeiros, cavalos, criados e escravos.*

**2**  
*O Palácio e Quinta da Bandeirinha pertenciam então à freguesia de Cedofeita*

**3**  
*Vide Tomo Iº, pag. 396*

**4**  
*Esquaqes são os espaços resultantes do esquartelamento do campo. Nas armas dos Portocarreiros este é feito com duas cores alternadas, do que resulta um aradregado com 15 espaços, ou esquaqes, uns de ouro outros de azul. Esta conta tem sido sempre mantida nestas armas, muito embora nem sempre apareçam dispostas da mesma forma. Em rigor, as armas dos Portocarreiros, tanto em Portugal como em Espanha, são como já ficou dito: enesquetado de ouro e azul.*

carreir  
mudo (f  
reiro, f  
Conde  
porque  
dentes  
quaes  
Medell  
Mestre,  
nova c  
Alcalé  
Marqu  
casfan  
reiro, J  
reiro, J  
Tello d  
he ch  
Cunha  
de our  
ca rote  
Palma  
ganho  
Portoc  
tempo  
Ifabel,  
procu  
idade,  
e Albu  
e fale  
monte  
res e  
Zamb  
tuiu o  
de Tr

carreiro, que descendem de Dom Reymão, ou Bermudo (como outros lhe chamão), Garcia de Portocarreiro, fidalgo Leonez, que veyo a este Reyno com o Conde D. Henrique, & lhe deu nelle este Concelho, porque se chamou de Portocarreiro, & feus descendentes, de que paffarao alguns a Castelas, dos quaes descendem as Casfas dos Condes de Medelhim, a dos de Montijo, a dos da Puebla do Mestre, a dos de Palma, a dos Marquezes de Villanova del Frefno, a dos de Barca rota, & a dos de Alcalé da Alameda, & outras; & neste Reyno a dos Marquezes de Villa Real, Duques de Caminha, por casfamento da Condeça Dona Mayor de Portocarreiro, filha herdeira de João Rodrigues de Portocarreiro, senhor de Vila Real, com Dom João Affonso Tello de Menezes, Conde de Viana. **Defta familia he cheffe, & fenhor deste Solar Manoel da Cunha Ozorio.** Traze por Armas quinze esquaques **4** de ouro, & azul, a que ajuntão os Marquezes de Barca rota orla de Castellos, & Leões **5**, & os Condes de Palma quinze bandeiras, & a Cruz de S. Jorge, que ganhou em diversas ocafioens Dom Luiz Fernades de Portocarrero nas guerras de Granada, & Napoles em tempo dos Reys Catholicos Dõ Fernando, & Dona Ifabel, que foram os que lhas concederão.

Casou a 29.6.1683 na Igreja de Melres, por procuração, tinha ele já 42 anos e ela 26 anos de idade, com sua parente **D. Maria Luiza de Alarcão e Albuquerque**, nascida em 1657 na vila de Tarouca e falecida a 3.11.1722 na Casa do Padrão de Belmonte, no Porto, vindo a enterrar na Igreja de Melres e deixando «20 missas a rezar na sua Quinta do Zambujal, a Stº António, na sua Capela que lá instituiu com o Vinculo que fez com o seu marido».

D. Maria Luiza, que foi 4ª Srª da Casa e Qtª de Travanca, em S. Marinha do Zézere (Baião), era

de três peças em faixa e cinco em pala. Timbre: cavalo nascente de ouro, bridado e enfreado de azul. Esta disposição aparece contudo invertida nas pedras de armas que de Melres quer da Bandeirinha, onde surgem sempre com cinco peças em faixa e três em pala.



Pedras de Armas do Portão Norte da Baláçio da Bandeirinha, de Portocarreros em pleno com bordadura de leões e castelos.

**5** São justamente estas armas, de Portocarreros em pleno com orla de leões e castelos, que estão no Portão Norte do Palácio da Bandeirinha, aí mandadas colocar, ao que tudo indica, por este Manuel da Cunha Ozorio de Portocarreiro. Na verdade, este portão, que dá para os jardins do palácio, ainda algo barroco, parece anterior ao portão de baixo, já com claras influências neoclássicas, que é encimado por uma pedra de armas esquadrelada de Portocarreros (sem orla). Cunhas Ozorios e Coutinhos, obra já mandada realizar a um discípulo de Nazoni pelo filho sucessor daquele Manuel, João da Cunha Coutinho Ozorio de Portocarreros, que concluiu as obras do palácio. Há, contudo, quem defenda que não foi Manuel da Cunha Ozorio de Portocarreros mas sim

Manuel Abranches de Soveral



- Francisco de Carvalho Coutinho  
FCR  
1º Sr. da Casa de Travanca  
Referido no nº 1.4.10(VI)
- D. Maria Pinto Aranha  
da Casa de Passos, ib
- João Veegas Botelho  
Fid. morador na vila de Tarouca
- D. Maria Corrêa de Alarcão  
sua prima
- Aires Corrêa de Alarcão  
FCR.  
Sr. da Casa dos Corrêa Botelho em Mondim da Beira
- D. Joana Veegas de Tavares  
Filha de Luiz de Tavares e de sua mulher D. Mécia Veegas.
- Doutor Francisco do Valle Botelho de Proença  
Desembargador da Relação do Porto
- D. Brites Saraiva de Albuquerque  
da Casa dos Albuquerque em Aguiar da Beira

Botelho e de sua mulher e prima-  
mór de Mondim da Beira, ref. na  
Veegas, C.O.C., que esteve em  
Portugal foi Aposentador da  
Antador do Tejo e do Minho, etc.,  
e Aires Botelho de Proença 1 e  
quinte

ção eram irmãos, ambos, filhos  
da Beira, FCR com serviço na  
em Seia em 1570) D. Leonor de  
de sua mulher D. Maria Corrêa  
de Proença, FCR, Comendador de  
filhos em Seia, e de sua mulher  
Este Afonso Botelho era filho  
Tejo e do Minho, 1º Sr. da Casa  
oiz. Sua mulher D. Violante de  
astelhano da Casa de Almodor-  
em acompanhou a Portugal.

57

filha de João Corrêa Coutinho, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Sr. da dita Casa e Quinta de Travanca, nascido a 17.5.1645, na vila de Tarouca, onde também viveu, e de sua mulher e prima D. Joana de Alarcão e Albuquerque, falecida a 6.10.1712 em Melres, em casa de sua filha; neta paterna do Dr. Francisco de Carvalho Coutinho 1, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, 2º Sr. da Casa e Quinta de Travanca, e de sua mulher (casados a 23.6.1644 em Tarouca) D. Maria Corrêa Botelho; e neta materna de Damião Veegas de Alarcão, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, e de sua mulher D. Maria Cardozo de Seixas e Albuquerque 2, moradores na vila de Tarouca, todos da mais ilustre fidalguia da Beira Alta, nomeadamente dos Moura Coutinho (de Lamego), dos Albuquerque (de Penalva do Castelo), dos Proença (de Mondim da Beira) e dos Botelho de Alarcão (de Seia).

Filhos:

(IX) D. Maria Teresa de Alarcão, Freira no Convento de S. Bento de Avé Maria, na cidade do Porto, onde fal. N. a 8.4.1684, em Melres, tendo como padrinhos de bat. o Padre Manuel Corrêa Coutinho, certamente seu tio, e D. Maria da Cunha Ozorio, sua tia-avó, por procuração de D. Teresa, mulher de Manuel Coutinho, morador em Mondim da Beira.

2(IX) D. Guiomar Clara de Ozorio, n. a 13.10.1685, ib, e bat. a 19 seguinte, em casa, por seu avô paterno, por estar em perigo de vida. Foi crismada em 1700 e em 1736 era madrinha de bat. em Melres.

3(IX) Manuel, n. a 4.6.1688, ib, sendo padrinhos de bat. o Dr. João de Araújo Ferraz e sua mulher D. Ana Maria. Deve ter fal. fora de Melres, onde não aparece o respectivo óbito, antes de 1705, data em que um seu irmão é bat. com o mesmo nome.

4(IX) João da Cunha Coutinho Ozorio de Portocarrero, que segue

1

Filho de outro Francisco de Carvalho Coutinho, FCR, 1º Sr. da Casa e Quinta de Travanca, onde fal. a 17.10.1637, e de sua mulher D. Maria Pinto Aranha, fal. a 24.4.1665, ib, a qual era filha de Diogo Pinto Aranha, Sr. da Quinta de Passos, também em St. Marinha do Zêzere, onde fal. a 25.4.1599, e de sua mulher D. Joana Vieira, fal. a 28.10.1593, ib, e neta paterna de Jorge Pinto, fal. antes de 1588, e de sua mulher D. Mariana Aranha, fal. a 28.9.1591, ib. Aquelle Francisco de Carvalho Coutinho era irmão de D. Isabel de Ozorio, que sucedeu na Casa da Graça, ib, onde é a 31.7.1601 e Paulo Camello Alceforado, Sr. da Quinta de Pepim.

2

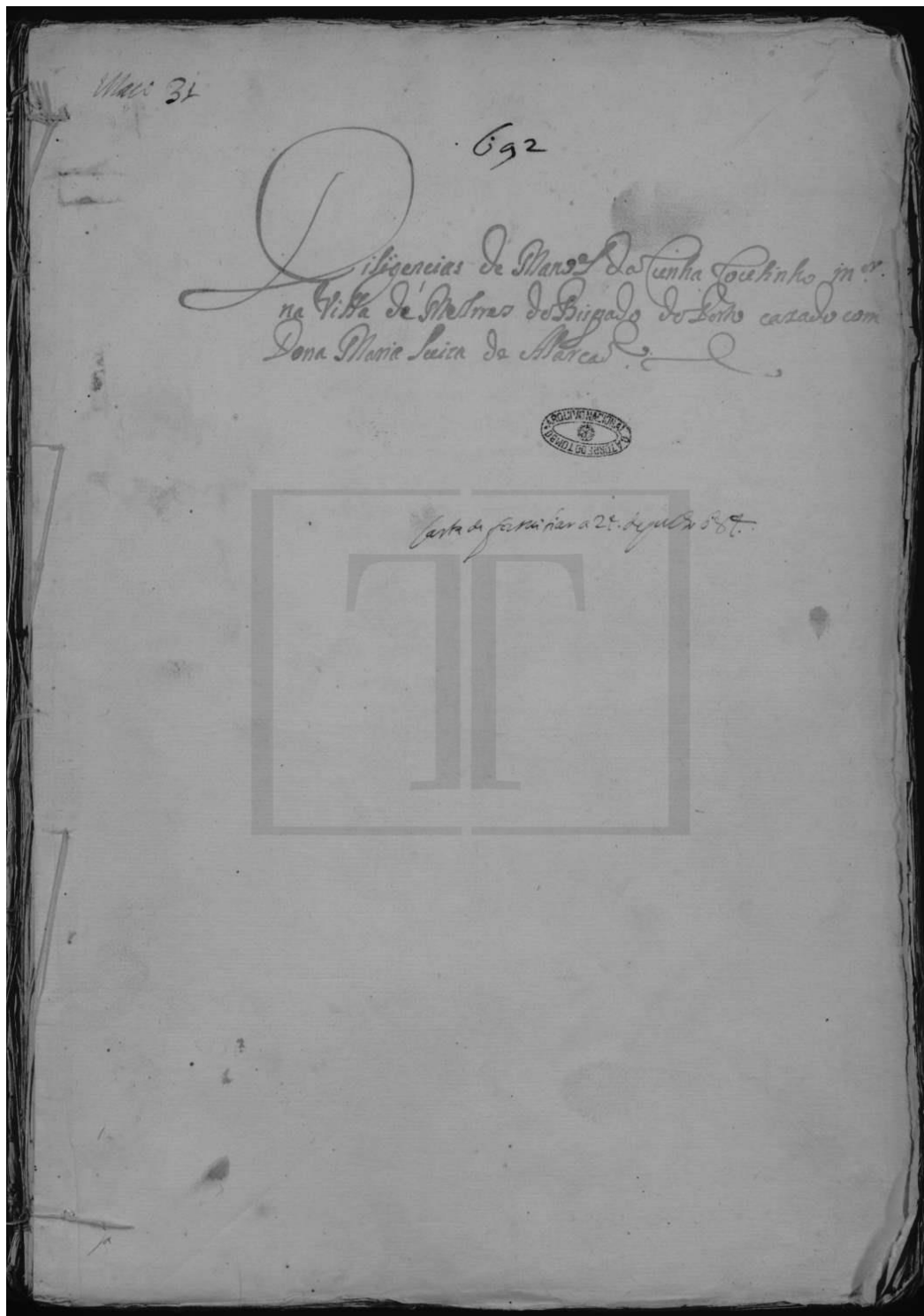
Filho do Doutor Francisco do Valle Botelho de Proença, Desembargador da Relação do Porto, e de sua mulher D. Brites Saraiva de Albuquerque; neta paterna de Gonçalo do Valle de Proença e de sua mulher e prima D. Maria de Proença Botelho (filha de Francisco Botelho, neta de Gaspar Corrêa Botelho, Comendador de Lauroviva na Ordem de Cristo, e bisneta de Aires Botelho de Proença e de sua mulher D. Elvira Roiz, referidos na nota anterior); neta materna de João de Albuquerque Saraiva, FCR Sr. da Casa destes em Aguiar da Beira, e de sua mulher D. Maria Cardozo de Seixas (filha de Gaspar de Seixas Cardozo, FCR morador em Trancoso). Aquelle João de Albuquerque Saraiva era filho de Manuel Saraiva de Albuquerque, FCR, e de sua mulher e prima D. Antónia de Albuquerque; e neta paterna de Pedro de Albuquerque, de Penalva do Castelo, e de sua mulher e prima D. Margarida Saraiva de Albuquerque, filha esta de Pedro de Albuquerque e de sua mulher D. Maria de Andrade, e neta de outro Pedro de Albuquerque (filho do Ouvidor Geral da Índia Diogo de Albuquerque), e de sua mulher D. Isabel Saraiva da Fonseca.

Manuel Abranches do Soveral

- 5(IX) D. Joana Inez de Ozorio**, Freira no Convento de S. Bento de Avé Maria (Porto), onde fal. N. a 5.1.1693, em Melres. Em 1760 herda, de seu meio-irmão o Abade Dr. Feliciano, 15 mil réis e uma escrava.
- 6(IX) D. Teresa Clara da Cunha**, Freira do Convento de St<sup>a</sup> Clara, no Porto. N. a 25.1.1695, ib, sendo padrinhos de bat. o Dr. Bartolomeu de Macedo Malheiro e D. Maria, filha de António Brandão e de sua mulher D. Leonor da Motta.
- 7(IX) Padre Dr. Bartolomeu da Cunha Ferraz**, Licenciado em Cânones pela Universidade de Coimbra, n. a 3.4.1698, ib, sendo padrinho de bat. seu irmão João, e fal. a 12.11.1745, ib. Diz Felgueiras Gaio que este Bartolomeu se ordenou com referências falsas, porque era acusado de ter morto o escudeiro de seu irmão João, que este mandou a Coimbra para que o irmão o matasse *por zelos que teve dele*.
- 8(IX) D. Micaela Teresa de Alarcão**, n. a 10.9.1699, ib, foi Freira no Convento de S. Bento de Avé Maria (Porto), onde fal.
- 9(IX) D. Josefa**, n. a 27.11.1701, ib.
- 10(IX) Manuel**, n. a 9.2.1705, ib.
- 11(IX) (N) Padre Dr. Feliciano de Araújo Ozorio de Portocarreiro**, Abade Reitor de Melres. N. a 9.6.1681, ib, como filho natural havido em Isabel de Oliveira, moça solteira, filha de Domingos Tavares e de sua mulher Jerónima de Oliveira, do lugar de Vila-rinho. Fal. a 1.8.1760, ib, sendo enterrado na capela-mór da Igreja Matriz e deixando como herdeiro universal seu sobrinho Manuel, com reserva de certos legados, nomeadamente a sua meia-irmã D. Joana. De **Maria Gonçalves**, moça solteira de Santiago, teve uma filha natural chamada Maria de Araújo Ferraz, que não foi herdeira de seu pai e c. a 1.6.1740 em Melres. c. Lourenço Soares Montes, s.m.n.
- 12(IX) (?) D. Catarina Luiza da Cunha Ozorio**

**de Portocarreiro.** Esta senhora, cujo assento paroquial não encontrei, pode ser filha do casal ou apenas filha natural dele. Aparece c.c. **João Pereira Barreto** e mãe de Pedro Antônio da Cunha Ozorio, que viveu em Braga c.c. D. Micaela Arcanja Soares de Noronha (f<sup>m</sup> de Rodrigo de Araújo Rebelo), os quais foram pais de D. Antônia da Cunha, D. Teresa da Cunha, Pedro da Cunha Ozorio de Portocarreiro e de D. Angélica Maria da Cunha.





**CAPA:**

**Diligências de Manuel da Cunha Coutinho, morador na vila de Melres do Bispado do Porto, casado com Dona Maria Luiza de Alarcão.  
Carta de familiar a 28 de Julho 684.**

João de Brito Mendonça - Juiz de Fora  
ao. m. d. D. de João de Brito Mendonça - Juiz de Fora  
na do Regim. e de Juiz de Fora de 23 de  
Março 1823.

Tommas 2

João de Brito Mendonça  
Juiz de Fora



Tomamos informacão is o J. de Fora  
M. da Silva Franca sobre a capacidade de  
M. da Cunha ovidis, ou contidas, que pretende  
ser familiar do J. de Fora, e he o mesmo conhecido  
nas duas petições inclusas de que V. J. nos man-  
da informar por cartas do J. de Fora de 23 de  
Janeiro de 1823. e são duas das que vem com  
hai memoriaes inclusas; e nos nos informamos  
que o pretendente he capaz de ser familiar, que os  
em escriptos, e que tem pai J. de Fora, e que nos nos e  
em Lugar de Minas donde he n. do J. de Fora. Pretendemos  
na sua familiar aqui. Porquanto que V. J. de Fora  
seu am. que pede visto ser como he nos nos  
capax, e a habilitado de patrimonio, e se he pedindo os  
nomes do J. de Fora e seus, e dos m. de Fora, e os seus recibos  
V. J. ordenamos que se servida combrar em  
Março 25 de Março 1823.

Leobardo de Brito

João de Brito Mendonça



### **Informação da Inquisição de Coimbra:**

2

Ilustríssimo Senhor,  
Tomámos informação com o vigário geral do Porto Manuel da Silva Francês sobre a capacidade de Manuel da Cunha Osório, ou Coutinho, que pretende ser familiar do Santo Ofício, e é o mesmo conteúdo nas duas petições inclusas de que Vossa Senhoria nos manda informar por carta do secretário do Conselho, de 23 de Janeiro de 683. E são duas das 8 que vieram em hum memorial juntas. E nos diz o dito informante que o pretendente é capaz de ser familiar, que está esposado e que tem hum filho natural. E que na freguesia e em o lugar de Melres, donde é natural e morador o Pretendente, não há familiar algum. Parece-nos que Vossa Senhoria lhe faça a mercê que pede, visto ser homem honrado, capaz e abastado de património. E se lhe pedirão os nomes do filho, mãe e avós, e da mulher, se estiver recebido. Vossa Senhoria ordenará o que for servido. Coimbra, em Mesa, 15 de Março 683.  
Sebastião Diniz Velho  
Gonçalo Borges Pinto

3

### **Despacho à informação da Inquisição de Coimbra, na margem superior esquerda:**

Os Inquisidores de Coimbra mandem fazer diligências ao suplicante Manuel da Cunha Osório. E feitas na forma do Regimento as enviará ao Conselho. Lisboa, 23 de Março 683.  
Álvares  
Moura Manuel  
Soares  
frei Veríssimo  
Pimenta

Indispono 5.

9  
Diz Manuel da Cunha Coutinho d'um nome, solteiro e de idade mayor  
Morador na V. de Malmy bispoado de Porto e natural da mesma V. que elle  
tem grande dez. de servir ao Tribunal do S. Off. na occupação de familiar.



De  
D. N. Illus. a. e. Requeirando a sua deusada e clemencia  
e favor real. V. familiar algum seja servido de  
e que se admita ao S. Off. de familiar e com os re-  
queritos meos e de D. N.

He D. Sup. Filho legitimo de Manuel da Cunha Coutinho, natural em. e mor. na V. de  
de Malmy e de D. Maria Fomes n. de Quinta de Valbo frequentia do Salvador  
de Castellano de Casaridos bispoado de Porto.

Deha parte do pai D. N. de Malmy e de D. Maria Fomes n. de Quinta de Valbo frequentia do Salvador  
e de sua mae D. Maria Fomes, e de D. N. de Malmy.

Deha parte do pai D. N. de Malmy e de D. Maria Fomes n. de Quinta de Valbo frequentia do Salvador  
e de sua mae D. Maria Fomes, e de D. N. de Malmy.

**Petição do candidato (Manuel da Cunha Coutinho) ao Conselho Geral do Santo Ofício, para ser habilitado familiar:**

Illustríssimo Senhor,

Diz Manuel da Cunha Coutinho, homem nobre, solteiro e de idade maior, morador na vila de Melres, bispado do Porto, e natural da mesma vila, que ele tem grande desejo de servir ao Tribunal do Santo Ofício na ocupação de familiar.

Pede a Vossa Illustríssima que, respeitando à sua devoção e a não haver na dita vila familiar algum, seja servido de o querer admitir ao dito ofício, achando-se que tem os requisitos necessários. E receberá mercê.

É o suplicante filho legítimo de Manuel da Cunha Osório, natural e morador na dita vila de Melres, e de D. Maria Ferraz, natural da Quinta de Valbom, freguesia do Salvador de Castelões de Recesinhos, bispado do Porto.

Pela parte paterna, neto de Manuel da Cunha, que foi morador da sobredita vila de Melres, e natural do Lugar de Pedorido, freguesia de Santa Eulália, bispado de Lamego, e de sua mulher Antónia Ferraz, que foi natural da mesma vila de Melres.

Pela parte maternal, neto de Paulo Ferraz, que foi morador e natural da dita Quinta de Valbom, e de sua mulher Veronica Pinto, que foi natural de Canavezes, bispado do Porto.

ta tem que  
m Coimbra  
e nome de  
a afis de  
anos. R

1115 Fim.

Sto. uorte e de dias domes de julho de anno  
conhecimento de nobre sephentenus de vito de  
mit e sus cento e doze e tres annos foi  
apresentada hum carta de assignat des  
Illust. rrisimos senhores anquerdores app. belli  
cos da enquerica de Coimbra ao feue  
nido hummado de nome et de feura  
santiago Rutor da frequencia de sal  
marburre da defina de feura de  
mofore de santo officio a qual elle  
apetou de nome e nome e prosnetes de  
a pa aducida exlucã para fays hum  
presento mandeu clamar amin opadre  
pantali am gomy pencia natura tam  
nadi nome e nome lugar de defina de  
fouca em e du e juramento de feura  
de angelos sob cargo de qual pro  
melli goador segredo e esculver bem  
e firmemente de ditos de testamunday  
e que fe e feura de apresentaca  
apetaca e jura merito que om e  
e juramos oie dia mes e anno ut  
supra em opa de pantali am gomy  
pencia que osse e e.

Sto. Santiago

João Pam  
de Gomes

Sto. trinta e um dias domes de julho de anno  
e sus cento e doze e tres annos na pa  
re e de a Igreja de Santa Maria de St. Ives  
de bispado de porto a onde em enruas do  
diante nomeado fuy uendo hummado  
com o feura de nome e nome de

**Início da inquirição de várias testemunhas sobre a “limpeza de sangue e geração” e “vida e costumes” do habilitando, em Melres:**

Aos vinte e sete dias do mês de Julho do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e seiscentos e oitenta e três anos, foi apresentada uma carta de comissão dos Illustríssimos senhores inquisidores apostólicos da Inquisição de Coimbra ao Reverendo licenciado Manuel de Sousa Santiago, reitor da freguesia de São Martinho de Arrifana de Sousa e comissário do Santo Ofício, o qual ele aceitou benignamente e prometeu dar a sua devida execução, para cujo cumprimento mandou chamar a mim, o padre Pantaleão Gomes Pereira, natural e morador no mesmo lugar de Arrifana de Sousa, e me deu o juramento dos santos Evangelhos, sob carrego do qual prometi guardar segredo e escrever bem e fielmente os ditos das testemunhas, de que fiz este termo de apresentação, aceitação e juramento, que ambos assinámos. Hoje, dia, mês e ano *ut supra*. Eu, o padre Pantaleão Gomes Pereira que o escrevi.

Manuel de Sousa Santiago;

O padre Pantaleão Gomes Pereira.

Aos trinta e um dias do mês de Agosto de mil e seiscentos e oitenta e tres anos, na parochial Igreja de Santa Maria de Melres, do bispado do Porto, aonde eu escrivão ao diante nomeado fui vindo, juntamente com o reverendo licenciado Manuel de



de Sousa Santiago, comissário do Santo Ofício e reitor da paroquial Igreja de São Martinho da Arrifana de Sousa, para efeito de perguntar as testemunhas desta inquirição, as quais logo aí mandou vir perante si, notificadas, cujos ditos, nomes, estados, idades e costumes são os que ao diante se seguem. De que tudo fiz este termo de assentada, que assinei. Eu, o padre Pantaleão Gomes Pereira que o escrevi. O padre Pantaleão Gomes Pereira.

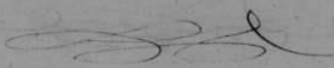
### **1ª testemunha**

João Vieira, lavrador, natural e morador nesta vila de Melres, testemunha a quem o Reverendo comissário deu o juramento dos santos Evangelhos, sob carrego do qual prometeu dizer verdade e guardar segredo, de idade que disse ser de oitenta anos, pouco mais ou menos.

E perguntado ele testemunha pelo primeiro interrogatório conteúdo na carta comissária, que lhe foi lido e declarado pelo reverendo comissário, disse que não sabia nem suspeitava para que era chamado, nem pessoa alguma o persuadira a que sendo perguntado por parte do Santo Ofício dissesse mais nem menos do que soubesse e fosse verdade.

E mais não disse.

E perguntado ao segundo, disse que ele conhecia muito bem a Manuel



Quia 5.  
 Marti  
 effuio  
 p'min  
 monden  
 1797  
 e' v'ra  
 quem  
 fenda  
 as ubi  
 curia  
 1798  
 1799  
 1800  
 1801  
 1802  
 1803  
 1804  
 1805  
 1806  
 1807  
 1808  
 1809  
 1810  
 1811  
 1812  
 1813  
 1814  
 1815  
 1816  
 1817  
 1818  
 1819  
 1820  
 1821  
 1822  
 1823  
 1824  
 1825  
 1826  
 1827  
 1828  
 1829  
 1830  
 1831  
 1832  
 1833  
 1834  
 1835  
 1836  
 1837  
 1838  
 1839  
 1840  
 1841  
 1842  
 1843  
 1844  
 1845  
 1846  
 1847  
 1848  
 1849  
 1850  
 1851  
 1852  
 1853  
 1854  
 1855  
 1856  
 1857  
 1858  
 1859  
 1860  
 1861  
 1862  
 1863  
 1864  
 1865  
 1866  
 1867  
 1868  
 1869  
 1870  
 1871  
 1872  
 1873  
 1874  
 1875  
 1876  
 1877  
 1878  
 1879  
 1880  
 1881  
 1882  
 1883  
 1884  
 1885  
 1886  
 1887  
 1888  
 1889  
 1890  
 1891  
 1892  
 1893  
 1894  
 1895  
 1896  
 1897  
 1898  
 1899  
 1900

Manos da funda Coutinho que era natural e morador em Lisboa  
 nader nesta villa de Alentejo argual e m' de  
 n'esse dize que elle nasceo por ser seu uerinho  
 n'esse dize quando em mais sua d'esse  
 e perguntado ao terceiro disse que elle sendo com o  
 p'ca muito bem apanhet da funda e do vicio  
 que era natural e morador nesta dita villa de  
 villa de Alentejo e que se conheceu a sua  
 mulher dona maria ferraes que era  
 natural de Alentejo e de favela em d'esse dize  
 rezando logo de b'ppado de d'esse dize  
 e guay sua paz de d'esse manet da funda  
 e ubi no caso guay e d'esse dize que se  
 se per seu uerinho e que sabe sua  
 natural e de favela em d'esse dize  
 mais sua d'esse

e perguntado ao quarto artigo disse que  
 elle conheceu apanhet da funda que foi  
 natural de Alentejo e de b'ppado de d'esse dize  
 meyo e a sua mulher e d'esse dize  
 natural e de favela em d'esse dize  
 ambos moradores e seus parentes de  
 d'esse manet da funda e d'esse dize  
 e d'esse dize sendo meyo por uerinho  
 com elle e mais sua d'esse

e perguntado ao quinto interrogatorio disse  
 nada

e perguntado ao sexto interrogatorio disse que  
 a dita manet da funda e d'esse dize  
 legitimo e legitimo natural meyo  
 dos ditos seus pais e seus parentes e d'esse dize  
 meado e por b'ppado de d'esse dize  
 meyo e d'esse dize e d'esse dize  
 numero e m' contrario que se a sua  
 elle e d'esse dize e d'esse dize





Manuel da Cunha Coutinho, que era natural e morador nesta vila de Melres, ao qual conhece des que ele nasceu, por ser seu vizinho mais chegado, e mais não disse.

E perguntado ao terceiro, disse que ele conhecia muito bem a Manuel da Cunha Osório, que era natural e morador nesta dita vila de Melres. E outrossim conhece a sua mulher Dona Maria Ferraz, que era natural da freguesia de Castelões de Recesinhos, todos do bispado do Porto, os quais são pais do dito Manuel da Cunha Coutinho, aos quais conhece des que se entende, por ser seu vizinho. E que sabe são naturais dos lugares donde tem dito. E mais não disse.

E perguntado ao quarto artigo, disse que ele conheceu a Manuel da Cunha, que foi natural de Pedorido, do bispado de Lamego, e a sua mulher Antónia Ferraz, natural desta dita vila de Melres, e aí ambos moradores, avós paternos do dito Manuel da Cunha Coutinho, aos quais conheceu sendo moço, por vizinhar com eles. E mais não disse.

E perguntado ao quinto interrogatorio, disse nada.

E perguntado ao quinto interrogatório, disse que o dito Manuel da Cunha Coutinho é filho legítimo, de legítimo matrimónio, dos ditos seus pais e avós paternos acima nomeados. E por tal está tido e havido, e comumente reputado, sem haver fama nem rumor em contrário, que se a houvera o havia ele testemunha de saber, por ser seu vizinho.



*Exort. 21.* Perguntur ad sitim dicit que non tunc  
 parentibus alium cum a sobrietate possent  
 non odiant, si non suam amicos et verum  
 totos et veros qui a consuetudine et maiori  
 est

Perguntur ad vitium interrogatio dicit  
 que era veritate que a dicit mansuetudo  
 Verba Cetero est dicit suus pars suus  
 patris non prima non meo et totos  
 Et cada cum debet per refertur am  
 pro pro fido et dicit per legitimo

*Exort. 22.* Perguntur ad vitium interrogatio dicit  
 et dicit pro sanguine et vacat semper  
 non descendit in aliqua dicit  
 in anore, in ore et multo, in ore  
 de subra aliqua infesta se est  
 de, non amentis, non est dicit, a  
 non a farta fere latet, a ante  
 que per legitimo, existit, existit  
 velis, latet, non semper dicit, dicit  
 semper a farta non dicit, in contra in  
 que se a dicit, a dicit, a dicit, in contra

*Exort. 23.* Perguntur ad vitium interrogatio dicit  
 et dicit pro pelle, conditio et dicit  
 dicit, dicit, dicit, dicit, dicit, dicit  
 de, in contra, in contra, in contra  
 in dicit, in contra, in contra, in contra  
 non a dicit

Perguntur ad vitium interrogatio dicit que  
 non a farta non dicit, in contra, in contra  
 et dicit, non a farta, non a farta  
 non a dicit, suus pars suus, patris  
 prima non meo, farta, non a farta  
 non a farta, non a farta, non a farta

*Exort. 24.*



E perguntado ao sétimo, disse que não tinha parentesco algum com as sobreditas pessoas, nem ódio; antes era seu amigo e os servia todas as vezes que o ocupavam. E mais não disse.

E perguntado ao oitavo interrogatório, disse que era verdade que o dito Manuel da Cunha Coutinho e os ditos seus pais e avós paternos acima nomeados, todos e cada um deles, são e foram sempre por tidos e havidos por legítimos e inteiros cristãos velhos, limpos e de limpo sangue e geração, sem raça nem descendência alguma de judeus, mouros, mouriscos, mulatos nem de outra alguma infecta nação dos novamente convertidos à nossa Santa Fé Católica, antes que por legítimos e inteiros cristãos velhos. São e foram sempre tidos e havidos, sem haver fama nem rumor em contrário; que se a houvera, o havia ele testemunha de saber, pelos conhecer bem e ser natural desta dita vila, e nela sempre morador. E nunca ouviu o contrário do que tem dito em seu testemunho. E mais não disse.

E perguntado ao nono, disse que não sabia, nem tinha notícia, que o dito Manuel da Cunha Coutinho, nem os ditos seus pais e avós paternos acima nomeados, fossem presos nem penitenciados pelo Santo

*[Decorative flourish]*

Dello santo officio non e' necessario alquanto  
 infanzia publica non pena uel de iure <sup>non infamia</sup>  
 non e' diritto & mai non e' disse  
 e' purgato a adiffimo disse que  
 della sanza et de la funa. Cuiando  
 e' comen uirtuoso et em furo et la <sup>virtute</sup>  
 pacidade para si faem delle sua <sup>ignoz</sup>  
 gollie de feve de a imperbarcia  
 Comesa de ante officio e que  
 Re parte de ora mu' l'oda. Cuiando  
 l'odos os que reformen la ley e de  
 que fabe les esposces e que  
 os perdimentos de feve ou oido  
 quanta para se sustentas e mai  
 na disse  
 e' purgato a adiffimo outie  
 disse que o dito manel de funa. Cui  
 no nunca se ilacado para com esta purgado <sup>cazato</sup>  
 l'ente m' l'eu que acera tres sem anoy <sup>curante</sup>  
 que recebe p'ulo mais ou meno a  
 qual na fabe donde e' natural nem  
 Comesa l'ama e' outro si tem em fillo <sup>de na'</sup>  
 de uma m' l'eu. Illeim natural de  
 uellavinto de ta' frequencia me que  
 na fabe Comesa l'ama  
 e' purgato a adiffimo disse que tudo  
 lo que d'inda d'ito em su' e' l' mundo <sup>fama g' d'ito</sup>  
 era publico e no tonio Bem acer  
 fama nem Rumor em contrario e  
 cos l'uma de f'acada e' por uenda  
 de affino em l' l'acando emissa  
 vis e' u' opad' e' para l' l'acome  
 p'eneza que o p'eneza  
 Justa  
 Joa' Vicina

tinda  
 p'esso  
 l'uo  
 nair na  
 disse  
 m' l'eu  
 e' f'ado  
 am bu  
 imoz  
 por  
 n'apa  
 de f'ado  
 l'uo  
 ra e' d'  
 e' a  
 g' l'eu  
 q' l'acome  
 aie d'ito  
 r'uo  
 e' u' l'eu  
 natural  
 m' l'eu  
 de p'one  
 que  
 l' l'acome  
 l'uo  
 l' l'acome  
 m' l'eu  
 e' l' l'eu  
 e' l' l'eu

Pelo Santo Ofício, nem incorressem em alguma infâmia pública nem pena vil, defeito nem de direito. E mais não disse.

E perguntado ao décimo, disse que o dito Manuel da Cunha Coutinho é homem virtuoso e tem juízo e capacidade para se fiarem dele negócios de segredo e importância, como são os do Santo Ofício, e que lhe parece dará muito boa conta de todos os que lhe forem encarregados. **E que sabe ler e escrever, e que tem os rendimentos de sete ou oito quintas para se sustentar.** E mais não disse.

E perguntado ao undécimo artigo, disse que o dito Manuel da Cunha Coutinho nunca foi casado senão com esta presente mulher, que haverá três semanas que recebeu, pouco mais ou menos, a qual não sabe donde é natural, nem como se chama. E outrossim tem um filho de uma mulher solteira, natural de Vilarinho, desta freguesia, mas que não sabe como se chama.

E perguntado ao duodécimo, disse que tudo o que tinha dito em seu testemunho era público e notório, sem haver fama nem rumor em contrário. E aos costumes disse nada. E por verdade assinou com o reverendo comissário. E eu, o padre Pantaleão Gomes Pereira que o escrevi.

da testemunha

Sousa

João + Vieira



**Outra testemunha:**

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

E perguntado ao décimo, disse que o dito Manuel da Cunha Coutinho é homem de virtude e tem bom juízo e entendimento e capacidade para dele se fiarem negócios de segredo e importância, como são os do Santo Ofício, e que lhe parece que de todos os que lhe forem encarregados dará boa conta e satisfação; **e que sabe ler e escrever, e que é o mais afazendado homem que vive por estas vizinhanças.** E mais não disse.

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

38

Sap eponat sempre tidos e auido, e com um nome  
reputados sem aver fama nem nome  
em contrario o que sabia per ser uelto  
e o uelto sempre assim os antigos e mais  
nao disse

Epunguntado ao nono interrogatorio disse <sup>mod infra</sup>  
que nao sabia cura alguma

Epunguntado ao deffimo disse que odito <sup>mod</sup>  
maneet da funca Coutinho de Comunde <sup>quinta</sup>  
virtude e um juizo e capacidade para <sup>part</sup>  
dalle se fiar em negocios de importan  
cia e pvedo como sap os dojantes offi  
cio e he parece que debeder os que he  
foram encamigados para mui boal <sup>suble</sup>  
de sabidofiam e sabe ler e escrever  
e e o mais rico e abundante de bem tem  
poris que ha nesta distrito e mais  
nao disse

Epunguntado ao undesimo disse que odito <sup>mod</sup>  
maneet da funca Coutinho nunca foi <sup>mod</sup>  
casado pnao agora que se recebes a uera <sup>mod</sup>  
e umes suas que nao sabe onome da  
sua mulher nem donde ella se natural  
e que elle tem um filho de uma moça <sup>mod</sup>  
na natural do lugar de uilherinis desta for  
gueria porim que nao sabe onome do filho  
nem da moça e mais nao disse

Epunguntado ao duodecimo disse que  
uido o que tanta ditos em publico  
munio e em publica uoz e pnao fama  
sem aver nome em contrario e  
mais nao disse e per uerdade assi  
neu como o uelto de Comufario  
de opaduz pnta hangema per uera  
que arribuj.

Justa

+  
Clemente Jlo  
9

verlle de  
o Conde  
a lra  
altes Dona  
es mo  
de lra  
altes  
peo am  
do lugar  
nesta villa  
os sua  
quais  
altes  
ta exte  
nao disse  
a  
ito ma  
Cornello  
nis de  
o pima  
e auido  
ver fama  
a uera  
or ser  
er nunca  
pe  
+ Cornes  
ito ma  
e sua  
acade  
ti rro  
impor de  
harrim  
neuro  
alguma  
su cadu  
or talis



**Outra testemunha:**

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

E perguntado ao decimo, disse que o dito Manuel da Cunha Coutinho é homem de virtude e tem juízo e capacidade para dele se fiarem negócios de importância e segredo, como são os do Santo Ofício. E lhe parece que de todos os que lhe forem encarregados dará mui boa conta e satisfação. **E sabe ler e escrever, e é o mais rico e abundante de bens temporais que há neste distrito.** E mais não disse.

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)



Eu de  
 ... me foy Dito Com este seu avô, por me dar  
 uma genitor a dilação deste neg. sem poder dar na Cantada  
 desta: De de Soubera, q se tiravao tambem ingui:  
 ricons de filhos naturais logo quando ay o nome  
 de meus avô, os seia tambem este meu rapax,  
 q gasta graca de D. de m. Fructos Nulos. Tamam:  
 de Feliciano, e sua Mãe Izabel de Oliveira, q de  
 prezente esta casada com D. de m. Fructos e natu:  
 rais do lugar de Villavinda desta Ig. de S.ª M.ª  
 de Melros, vizinhos de Porto. De seus maternos  
 do rapax se chamao D.º Tanorio, e Seronyma de Oliv.  
 Ambos moradores no duto lugar de Villavinda, donde este  
 D.º Tanorio se natural: e sua Seronyma de Oliv.ª  
 defunta era natural da Ig.ª de Santiago da Agulha  
 q gasta com esta Ig.ª de S.ª M.ª de Melros: Eudo vizin:  
 do do Porto. E doze milto entregavao a D.º em  
 companhia desta: e se for necessario mais demeterey  
 logo Com avô de D.º, aquem logo me foy honra con:  
 brar, e aquier este negocio em este Santo Tribunal,  
 e q.º tudo ay de seer prestado me tem D.º em  
 estas partes m.ª m.ª nas D.º com sua q.º vontade  
 de occasion de seu gozo. Nesta de q.º a D.º  
 Melros 18 de Abril de 1684.

foi emica em  
 17 de mayo de  
 1684 a m.ª de  
 souza matias  
 scr.ª e p.ª de  
 Ambrósio de Souza

M.º João de D.º

D.º da Junta publ.ª Portocar.º

**Carta de Manuel da Cunha Coutinho Portocarreiro para o Santo Ofício, pedindo que se faça inquirição sobre a “limpeza de sangue e geração” do seu filho natural, Feliciano:**

Muito grande mercê me fez Vossa Mercê com este seu aviso, porque me dava em que pensar a dilação deste negócio, sem poder dar na causa dela: E se eu soubera que se tiravão também inquirições dos filhos naturais, logo quando dei os nomes de meus avós os dera também deste meu rapaz, que pela graça de Deus é muito cristão velho. Chamam-lhe Feliciano, e sua mãe, Isabel de Oliveira, que de presente está casada com José Martins, moradores e naturais do lugar de Vilarinho, desta freguesia de Santa Maria de Melres, bispado do Porto. Os avós maternos do rapaz se chamam Domingos Tavares e Jerónima de Oliveira, ambos moradores no dito lugar de Vilarinho, donde ele, Domingos Tavares é natural. E ela, Jerónima de Oliveira, já defunta, era natural da freguesia de Santiago da Capela, que parte com esta freguesia de Santa Maria de Melres, tudo bispado do Porto. Os doze mil réis entregarão a Vossa Mercê em companhia desta. E se for necessário, mais o remeterei logo, com aviso de Vossa Mercê, a quem peço me faça honra lembrar e aplicar este negócio em esse Santo Tribunal. E para tudo o que eu tiver préstimo, me tem Vossa Mercê em estas partes muito às suas ordens, com uma grande vontade de ocasiões de seu gosto. Nosso Senhor guarde a Vossa Mercê. Melres, 18 de Abril de 1684. Muito criado de Vossa Mercê, Manuel da Cunha Coutinho Portocarreiro

**Informação à margem da carta:**

Foi comissão em  
17 de Maio de  
684 a Manuel de  
Sousa Santiago,  
comissário e reitor de  
Arrifana de Sousa.



Vistos dilig.<sup>tes</sup> de Manoel da Silva Coutinho, e pretende ser  
 Familiar do s.<sup>to</sup> Off.<sup>o</sup> da Inquiriç.<sup>o</sup>, e por ellas comta ser n.<sup>o</sup>  
 a m.<sup>o</sup> da v.<sup>o</sup> de Melina, e f.<sup>o</sup> enato dos pais, e seus nomeados,  
 em sua petiç.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> em d.<sup>o</sup> dos Lugares apontados na mesma  
 comta si consta ser casado com D. Luiza m.<sup>o</sup> de Alencar  
 n.<sup>o</sup> da v.<sup>o</sup> de Tarouca filha de Joze Correa Coutinho n.<sup>o</sup>  
 da d.<sup>o</sup> de D. Joze Viçey n.<sup>o</sup> do Lugar de Mondim, e neto  
 por via paterna do Sr. Fran.<sup>o</sup> de Aguiar Coutinho n.<sup>o</sup> da  
 freg.<sup>o</sup> de S.<sup>ta</sup> Marinha do Terceiro, e de M.<sup>o</sup> Correa  
 n.<sup>o</sup> da v.<sup>o</sup> de Tarouca, e neto por via materna de Domi.<sup>o</sup>  
 Viçey de Alencar, e de M.<sup>o</sup> Carlos n.<sup>o</sup> do d.<sup>o</sup> Lugar  
 de Mondim freg.<sup>o</sup> de Tarouca, e comta ser oporrendo  
 fora do matrimonio de um filho n.<sup>o</sup> chamado Feliciano n.<sup>o</sup>  
 do Lugar de Vilarinho freg.<sup>o</sup> da d.<sup>o</sup> de Melina, e qual  
 ouve de Isabel de S.<sup>ta</sup> n.<sup>o</sup> do mesmo Lugar, e neto  
 por via materna de D.<sup>o</sup> Tarouca n.<sup>o</sup> do mesmo Lugar  
 de Vilarinho e de Joze de S.<sup>ta</sup> n.<sup>o</sup> da freg.<sup>o</sup> de  
 S.<sup>to</sup> Tiago da Capella junto da d.<sup>o</sup> de Melina, e comta  
 ser así oporrendo como seu pai e seus Legitimo  
 inteiro x.<sup>o</sup> v.<sup>o</sup> com deffeito algum e como comta  
 averap.<sup>o</sup> de sua madre, e filho natural, e neto de comta  
 de Manoel da Silva Coutinho e de D.<sup>o</sup> Viçey  
 necess.<sup>o</sup> p.<sup>o</sup> cargo de familiar, e así o julgo por  
 Eabil p.<sup>o</sup> est.<sup>o</sup> occupaç.<sup>o</sup> L.<sup>o</sup> 16 de julho de 1688

Joze Viçey

Sou do mesmo parecer Lisboa e julho 21 de 1688

Manoel de Moura Al.<sup>o</sup>

em  
 dita  
 do  
 men  
 oite  
 m 3  
 rical  
 omifa  
 cara  
 ida  
 terei  
 cis  
 ingui  
 Anifa

**Aprovação do candidato pelo relator do Conselho Geral do Santo Ofício, no final da habilitação:**

Vi estas diligências de Manuel da Cunha Coutinho, que pretende ser familiar do Santo Ofício da Inquisição. E por elas consta ser natural e morador da vila de Melres, e filho, e neto dos pais e avós nomeados em sua petição, natural e moradores dos lugares apontados na mesma. E outrossim consta ser casado com D. Luísa Maria de Alarcão, natural da vila de Tarouca, (...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...)

(...) e consta

ser assim o pretendente, como seus pais e avós, legítimo e inteiro cristão velho, sem defeito algum, e o mesmo consta a respeito de sua mulher e filho natural. E outrossim consta ter o dito Manuel da Cunha Coutinho todos os requisitos necessários para o cargo de familiar. E assim o julgo por hábil para a dita ocupação. Lisboa, 16 de Julho de 1684.  
Jerónimo Soares.

**Voto favorável no Conselho Geral do Santo Ofício:**

Sou do mesmo parecer. Lisboa, em Julho 21, de 1684.  
Manuel de Moura Manuel.